

O CASACO DE ARLEQUIM.

Uma reflexão sobre a semântica proposta por Michel Pêcheux

Aracy ERNST-PEREIRA

(UCPEL)

De repente, silêncio. Seriedade e até gravidade descem sobre a sala, eis o rei nu. Retirado, o último disfarce acaba de cair.

Estupor! Tatuado, o Imperador da Lua exhibe uma pele multicolor, muito mais cor do que pele. Todo corpo parece uma impressão digital. Como um quadro sobre a tapeçaria, a tatuagem – estriada, matizada, recamada, tigrada, adamascada, mourisca – é um obstáculo para o olhar, tanto quanto os trajes ou os casacos que jazem no chão.

Quando cai o último véu, o segredo se liberta, tão complicado como o conjunto de barreiras que o protegiam. Até mesmo a pele de Arlequim desmente a unidade pretendida por suas palavras. Também ela é um casaco de arlequim. (Serres, 1993)

Gostaria de iniciar minha reflexão sobre o texto *La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours*, escrito por Michel Pêcheux, Claudine Haroche e Paul Henry e publicado na revista *Langages*, n. 24, em 1971, apropriando-me da metáfora de Arlequim, personagem da história narrada por Michel Serres (1993), no primeiro capítulo de sua obra *Filosofia Mestiça*, cuja linguagem inscrita em suas vestes e em sua pele contradiz a linguagem de suas palavras.

Diz o autor que Arlequim, o imperador, após uma viagem às terras lunares, vai dar uma entrevista coletiva, num palco, para contar as maravilhas que viu, atravessando lugares extraordinários. Mas ele frustra as expectativas, ao dizer

que tudo é igual, em toda parte tudo é idêntico, só mudam os graus de grandeza e beleza. Apesar da decepção da platéia que não acredita em suas palavras, Arlequim repete doutamente a lição: *nada de novo sob o Sol, nada de novo na Lua*, desafiando e desdenhando com arrogância ridícula a todos que o assistiam. Até que alguém se levanta e estende a mão em direção ao casaco de Arlequim, dizendo:

- *Hei! – grita ele – você aí, que diz que tudo em toda parte é como aqui, quer que a gente acredite também que sua capa é feita de uma mesma peça, tanto na frente como na traseira?*

Perplexo, o público não sabe se deve calar-se ou rir, pois a roupa de Arlequim anuncia o inverso do que ele pretende. É feita de pedaços, trapos de diversos tamanhos, mil formas e cores variadas, de idades diversas, de proveniências diferentes, mal alinhavados, justapostos sem harmonia, sem nenhuma atenção às combinações, remendados, segundo as circunstâncias, à medida das necessidades, dos acidentes e das contingências, será que mostra uma espécie de mapa-múndi, o mapa das viagens do artista, como uma mala constelada de marcas? O lá-fora, então, nunca é como aqui. Nenhuma peça se parece com qualquer outra, nenhuma província poderia jamais ser comparada com tal outra, e todas as culturas diferem. A pelerine-portulano desmente o que pretende o Rei da Lua. A única saída para Arlequim é, então, tirar o casaco que o desmente. E se despe, deixando cair o casaco disparatado. No entanto, um outro aparece, e outro, e outro ... e assim sucessivamente. Cada um que surge reproduzindo exatamente o anterior. Por fim, fica nu, mas seu corpo é todo tatuado, também estriado, matizado, colorido, tigrado tanto quanto os casacos que estão no chão. *Também sua pele desmente a unidade pretendida por suas palavras.* Também ela é um casaco de arlequim.

Esse preâmbulo, pequena adaptação do texto de Serres, serve para ilustrar poeticamente a ilusória sensação de que a palavra pode dar ordem ao caos, prover de unidade o que é de natureza heteróclito, fragmentado e diverso. Nela também incide a dispersão do sentido. Sua pretensa capacidade de estruturar o

real, de dar forma ao sem forma, de unificar enfim o desagregado, vê-se às voltas com a sua própria impossibilidade de nomear e/ou designar as coisas do mundo com a precisão desejada pelo sujeito pragmático, que ignora e/ou abomina as diferenças, buscando sempre uma unidade que, apesar dos esforços, insiste em se revelar múltipla.

A unidade da palavra é, de alguma forma, desmontada na semântica desenvolvida por Michel Pêcheux, tema central do artigo em questão, uma vez que essa semântica não concebe a linguagem como representação do mundo, não admitindo, portanto, nem a transparência da linguagem nem a exterioridade do sujeito com relação a ela. Para isso, o autor apela ao materialismo histórico e à psicanálise. Tal suporte lhe habilita defender a idéia de que o dizer escapa sempre ao enunciador, pois é *irrepresentável em sua dupla determinação pelo inconsciente e pelo interdiscurso* (Authier-Revuz, 1998, p. 17)¹.

No artigo em foco, pode-se dizer que são introduzidos elementos teóricos importantes, diria fundamentais, na constituição de sua teoria, como o conceito de *formação discursiva*, tomado de Foucault², mas ressignificado a partir da relação estabelecida com o conceito de formação ideológica, considerada *um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem individuais nem universais, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas em relação às outras*.

¹ A questão da subjetividade, na primeira fase da AD, não tinha sido ainda elaborada com profundidade. Tratava-se do sujeito assujeitado à estrutura e não do sujeito constituído pela alteridade que vai se definir a partir da introdução do conceito de heterogeneidade. De qualquer forma, distingue-se do sujeito psicológico universal como do sujeito intencional da semântica da enunciação e da pragmática (cf. Pêcheux, 1983). Também a abordagem do sentido, nessa fase, procurava eliminar qualquer forma de heterogeneidade e, apesar da noção de *interdiscurso* já aparecer no texto da AAD69, em termo, diria, embrionário, do *não-dito* constitutivo do discurso, não tinha o estatuto primordial que adquiriu posteriormente. Conseqüentemente, as estratégias metodológicas adotadas, pressupondo uma homogeneidade enunciativa, constituíam-se do levantamento de palavras e expressões referentes a um conjunto de discursos produzidos por uma única máquina discursiva, procedimento abandonado, mais tarde, em favor da heterogeneidade discursiva.

² Suspeitava-se que Foucault, de acordo com Maldidier (1992), mantivesse um discurso paralelo com o materialismo histórico. Todavia, para Pêcheux (1980), as formulações de Foucault constituíam-se em importantes contribuições para a reflexão crítica de questões relativas ao materialismo histórico e a sua não-adesão a essa corrente de pensamento justificava-se pelo fato de que, para ele, o papel da teoria é analisar a

As FI compreendem uma ou várias FD, espaço discursivo que determina o *que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa, etc.) a partir de uma posição dada numa dada conjuntura*. Portanto, as palavras encontram seu sentido nas FD e esse sentido se altera quando as palavras passam de uma FD para outra.

Definido dessa forma, o conceito de FD adquire uma configuração diferente daquela assentada por Foucault, estabelecendo pela primeira vez a relação entre a história, concebida como a relação ideológica de forças nas sociedades de classe, e a materialidade lingüística (cf. Malidier, 1992).

Segundo Malidier (ibid.), o longo caminho que preside o estabelecimento da teoria do discurso e também da teoria da materialidade do sentido de Michel Pêcheux começa exatamente com a introdução do conceito de *formação discursiva* nesse artigo da Langages que, junto com o conceito de *interdiscurso*, *pré-construído*, *intradiscurso*, e *condições de produção*, sob o meu ponto de vista, constituíram a base da teoria do discurso.

O conceito de FD foi remodelado por Jean-Jacques Courtine, na sua tese *Le Discours communiste adressé aux Chrétiens*, a partir da concepção marxista da categoria da *contradição*. Para o autor, a contradição é o princípio constitutivo da formação discursiva, unidade dividida e, portanto, heterogênea. Diz ele: *uma FD é heterogênea a ela mesma: o fechamento de uma FD é fundamentalmente instável, ela não consiste em um limite traçado de uma vez por todas, separando um interior de um exterior, mas se inscreve entre diversas FD como uma fronteira que se move em função dos interesses da luta ideológica*. (1980, p. 4) Dessa forma, as contradições ideológicas podem ser recuperadas no interior da própria FD.

especificidade dos mecanismos de poder e não atuar no sentido de buscar uma sistematicidade global que vise a *colocar tudo em seu lugar* (ibid., p. 193)

Essa reformulação articula-se com a crítica, feita pelo autor, ao conceito de condições de produção do discurso que, segundo ele, não rompe com a orientação psicossociológica de origem. Essa perspectiva reduz as determinações históricas do discurso a simples circunstâncias, onde o que emerge é o sujeito-causa e não o sujeito-efeito do dizer.

Esse movimento crítico no sentido de acentuar a porosidade de fronteiras das FD também é encontrado em Pêcheux (1983):

A noção de “formação discursiva” emprestada a Foucault pela análise de discurso derivou muitas vezes para a idéia de uma máquina discursiva de assujeitamento dotada de uma estrutura semiótica interna e por isso mesmo voltada à repetição: no limite, esta concepção estrutural da discursividade desembocaria em um apagamento do acontecimento, através de sua absorção em uma sobreinterpretação antecipadora. (1983, p. 56)

Todavia, esse olhar crítico não significa o abandono ou a rejeição do conceito, como defendem alguns, mas mostra a necessidade de se evitar um trabalho de interpretação redutor que oblitere a instabilidade semântica – talvez fosse melhor falar em *equivocidade* - inscrita na própria palavra de sempre poder significar diferentemente, dependendo do acontecimento. Em outras palavras, Pêcheux quer apenas que se veja a formação discursiva de uma outra maneira que não aquela de máquina estrutural fechada.

Mesmo sujeito a críticas posteriores³ e apesar delas, o conceito de FD tem se revelado produtivo e operativo, sob meu ponto de vista, e sua utilização vai depender da natureza e dos objetivos da interpretação de determinados *corpora* discursivos.

³ É bom que se diga que grande parte das críticas a esse conceito, senão todas, tem como ponto de partida a reflexão crítica formulada por Pêcheux. Cito aqui particularmente *Discurso, estrutura ou acontecimento*.

Mas o tema central do artigo é a discussão do lugar da semântica, fato que não teve destaque na AAD69. Apesar de Pêcheux, nesse trabalho inicial, proceder a uma crítica sobre o corte saussureano em função da tentativa de estabelecer um contorno nítido para o termo discurso, que aí despontava, é nesse artigo que o autor aprofunda sua reflexão, buscando estabelecer um lugar para as questões ligadas ao sentido.

Se a problemática do sentido teve, então, para Pêcheux, importância fundamental na construção de sua teoria, no estruturalismo saussureano, não encontrou lugar, uma vez que extrapola o todo que constitui o sistema da língua. Só que esse sistema uno, homogêneo e higienizado também ele sofre fissuras e costuras como o casaco de arlequim.

Para os autores do artigo, a oposição *langue/parole* que constituiu historicamente a lingüística e fez avançar os estudos da fonologia, da sintaxe e da morfologia, foi acompanhada de uma certa ingenuidade de Saussure e de sociólogos, seus contemporâneos, relativa à *ideologia individualista e subjetivista da “criação”*, que se estende até os dias de hoje em determinadas áreas da ciência lingüística. Essa mesma ideologia, cuja gênese encontra-se nas correntes neokantianas e neohumboldtianas do século XIX, permeia a crítica de Chomsky ao behaviorismo e ao empirismo que concebe a linguagem como instrumento de comunicação. A distinção operada por Jakobson entre liberdade e coação, ou *criatividade* e *sistema*, que concebe o nível do fonema, como sistêmico, e o nível do encadeamento de frases, como criativo, aí se enquadra. Essa relação bipolar, de acordo com os autores, apresenta circularidade ideológica, uma vez que cada um dos termos pressupõe a existência do outro: a criatividade, pressupondo um sistema que ela possa destruir e o sistema, pressupondo uma criatividade anterior da qual ele lhe é o efeito.

O par, sistema/criatividade, teve implicações evidentemente na distinção clássica entre significação imanente e significação manifestada. Semelhantemente

ao procedimento analítico utilizado na caracterização da unidade fonológica, o procedimento analítico utilizado na caracterização da unidade semântica parte da identificação de um conjunto de componentes que as constituem e as diferenciam umas das outras. Em outras palavras: assim como todo fonema compõe-se de uma série de traços fonéticos distintivos, a unidade significativa também é composta de uma série de traços semânticos, operando, nos dois casos, o conceito de oposição. É, então, através do jogo de oposições entre os traços, que são fixadas as unidades tanto fonológicas quanto semânticas que têm valor distintivo na língua e que, portanto, podem ser manifestadas.

No entanto, nenhum sistema fonológico assim como nenhum conjunto de unidades significativas esgota a combinatória de traços distintivos, resta sempre um resíduo. Esse resíduo, no caso da significação, seria uma espécie de *ruído* semântico que junto com a pluralidade de *planos de leitura*, possibilidades de encadeamentos diversos dos elementos de significação que constituem cada agrupamento, diferenciaria o universo imanente da significação – o universo dos elementos de significação – de seu universo manifestado – o dos agrupamentos manifestados pelas unidades significantes.

O paralelismo entre estrutura fonológica e estrutura semântica fundamenta-se na anulação da distinção entre *valor* e *significação*. Como sabemos, a noção de valor, no Curso de Lingüística Geral, está vinculada estritamente à língua como sistema, ou ao *princípio de unidade da língua*. Essa noção de valor que vai direcionar a prática do lingüista a partir de Saussure encontra-se, por sua vez, vinculada a concepções, de fundamental importância nessa proposta teórica, quais sejam: a de *identidade* e a de *relação*.

Saussure distingue dois tipos de identidade: a identidade relacional e a identidade material. Para explicá-los, como sabemos, o autor lança mão de dois exemplos, fora da linguagem. No primeiro caso, compara a identidade relacional do fenômeno lingüístico à identidade de dois expressos “Genebra-Paris, das 8h

45min” que partem com vinte e quatro horas de intervalo. A locomotiva é diferente, assim como são diferentes os vagões, os funcionários, os passageiros, etc.; entretanto, apesar de serem materialmente diferentes, trata-se do mesmo expresso e não, por exemplo, do expresso “Paris-Genebra, das 12h 15”. Isso ocorre porque seu lugar dentro do sistema é idêntico e se opõe aos outros lugares desse mesmo sistema. Já para explicar a identidade material, faz referência a um suposto caso de furto de uma roupa que, posteriormente, será encontrada numa loja. Trata-se de uma identidade material, uma vez que a substância é a mesma: o mesmo tecido, o mesmo forro, os mesmos aviamentos, etc. Outra roupa por mais parecida que seja com a primeira, não será aquela roupa.

Essa não é, no entanto, a natureza da identidade lingüística, pois a cada novo emprego de uma palavra renova-se a matéria, constituindo-se um novo ato fônico e um novo ato psicológico. Por um lado, dois elementos podem ser materialmente idênticos sem ocupar o mesmo lugar no sistema, como no exemplo *eu brinco e o brinco*, por outro, uma mesma palavra, provinda de uma mesma relação dentro do sistema, pode ser representada por segmentos materialmente diferentes, como no exemplo *outros amigos/outros colegas* em que a mesma palavra *outros* tem segmentos materialmente diferentes /z/ e /s/, dependendo do contexto que lhe segue. Assim, a identidade lingüística não é material, mas relacional. Um outro exemplo aqui retomado de Françoise Gadet (1990), são as várias ocorrências do termo *senhores* que, dependendo da situação, pode variar bastante. Nós as percebemos como sendo o mesmo termo não devido à semelhança material da substância fônica, mas devido ao fato de não poderem ser reproduzidas por uma outra palavra. Assim, no plano fônico, deve ser mantida a diferença entre *senhores, senhoras, senhor, ...*, sua pronúncia variando dentro dos limites impostos pela existência dos outros termos. Da mesma forma, o plano semântico constitui-se dentro de limites: o sentido de *senhores* não é o de *senhor, de senhora, etc.* Daí a afirmativa de Saussure sobre o signo lingüístico: *Sua mais exata característica é ser aquilo que os outros não são.* Assim, o que existe na língua são identidades e diferenças.

As unidades lingüísticas, portanto, são valores porque fazem parte de um sistema. Mas o que interessa aqui basicamente é a relação entre valor e significação em Saussure, que fez avançar a crítica feita por Pêcheux a essa abordagem ao mesmo tempo que fundamentou a sua proposta semântica⁴ que, é bom que se diga, não abre mão da lingüística do sistema, pois nela se esteia.

Poder-se-ia dizer que a significação se estabelece na relação entre significante e significado, dentro dos limites da palavra. No entanto, o princípio da diferença desautoriza somente essa interpretação, uma vez que o signo é também *a contrapartida dos outros signos da língua* e, dessa forma, há uma dependência entre eles: *a língua é um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão somente da presença simultânea de outros.* (p. 133). Daí decorre a noção de valor que se subordina, em seu aspecto conceitual, à significação, mas paradoxalmente coloca essa significação sob sua dependência. Na realidade, têm-se duas noções aparentemente contraditórias: 1) *o valor é um elemento da significação* e 2) *a significação está sob a dependência do valor* (cf. Gadet, 1990, p. 67). Todavia, essa contradição desaparece se se considerar que a noção de valor saussureana serve tão somente para descrever a parte lingüística da significação (outros aspectos a ela ligados não seriam do âmbito da ciência lingüística).

Uma consequência séria que decorre dessa contradição que anula a distinção entre valor e significação, subsumindo-os ao sistema, é, segundo os autores do artigo, a que se refere à prática do lingüista. Enquanto na gramática histórica essa prática consistia em estudos comparativos de elementos lingüísticos isolados de línguas diferentes, buscando uma filiação histórica, a lingüística que

⁴ É interessante também referir o fato de que a palavra semântica, que desde o fim do século XIX, servia para designar a disciplina responsável pelo estudo da organização do sentido, não aparece nas formulações de Saussure, o que não deixa de ser estranho, segundo Gadet, para alguém que sucederia, no Collège de France, Bréal, o inventor do termo. No entanto, de acordo com a autora, tal fato é efeito de sua atitude filosófica frente à língua, qual seja, não é tarefa do lingüista o todo da língua, outras disciplinas podem se ocupar disso.

se desenvolveu a partir de Saussure funda sua tarefa nas operações de comutação, comparações regradas, etc. no interior de uma mesma língua. O que interessa, então, é o *funcionamento das línguas em relação a si mesmas no quadro de uma lingüística geral que é a teoria desse funcionamento*. Daí a importância do princípio da unidade da língua. É ele que possibilita tal prática. Os elementos pertencem a uma mesma língua, a um mesmo sistema. Só assim se pode falar de línguas diferentes, de dialetos, de *pidgins*, de línguas crioulas, etc.

Assim, de acordo com os autores, uma vez anulada a distinção entre significação e valor, o princípio da unidade da língua pode reinscrever-se em qualquer ideologia, privilegiando a universalidade do espírito humano e a intercambialidade dos sujeitos falantes.

Evidentemente, não se trata aqui de defender a posição da AD francesa e combater o estruturalismo saussureano. Este, sem dúvida alguma, libertou os estudos lingüísticos do psicologismo e do mentalismo exagerado e constituiu a lingüística como ciência. No entanto, ao deixar de lado a história e o sujeito, considerando o fato lingüístico isoladamente, apartado da dimensão sócio-histórica e das implicações de ordem subjetiva, o estruturalismo saussureano alijou o sentido vivenciado. Como o sujeito, o sentido e a história poderiam ter lugar na reprodução das estruturas, no jogo de lógicas formais em sua sincronia e na busca de invariantes temporais?

Funda-se, então, a partir de Pêcheux uma discursividade que se opõe à concepção idealista de uma língua sem sujeito, logicamente perfeita, constituída de signos, suportes de significação ao dispor de um sujeito universal *situado em toda parte e em lugar nenhum e que pensa por meio de conceitos* (Pêcheux, 1975, p. 127).

O artigo que deu origem à reflexão aqui apresentada constitui-se numa das etapas da teoria em busca da consolidação de um outro lugar para a semântica que não aquele restrito ao lingüístico. Embora a questão do sentido e do sujeito nessa fase inicial estivesse em estado embrionário, sempre houve a possibilidade de conceber o sujeito na sua divisão e dispersão a partir da noção de *interdiscurso*.

Essa dispersão ou fragmentação do sujeito e do discurso evoca o casaco de Arlequim: ele parece ser um – a ilusão da subjetividade – mas se constitui de vários e diferentes elementos. Plural e singular se misturam. E esse é o desafio da Análise de Discurso.

Referência Bibliográfica:

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras Incertas: as não coincidências do dizer*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

COURTINE, Jean-Jacques. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse de discours: à propos du discours communiste adresse aux chrétiens. *Langages*, Paris, n. 62, p. 9-127, juin, 1981.

GADET, Françoise. *Saussure. Une science de la langue*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

HAROCHE, Claudine; HENRY, Paul; PÊCHEUX, Michel. La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours. *Langages*, n. 24, 1971.

MALDIDIER, Denise. *L'inquiétude du discours*. Um trajet dans l'histoire de l'analyse du discours: le travail de Michel Pêcheux. *Discours social/social discourse. Analyse du discours et sociocritique des textes/Discourse Analysis and text sociocriticism*. v. IV, n. 1/2. Hiver/Winter, 1992.

PÊCHEUX, Michel e FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. (1975) In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993, p. 163-252.

PÊCHEUX, Michel. "A análise do discurso: três épocas", in F. Gadet e Hak (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1983.

_____. Remontémonos de Foucault a Spinoza. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL – EI DISCURSO POLÍTICO: TEORÍA Y ANÁLISIS. Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma do México y Editorial Nueva Imagen, 1980. p. 181-99.

SERRES, Michel. *Filosofia Mestiça*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

